



O IMAGINÁRIO COLETIVO DE MULHERES COM DIABETES SOBRE A DIABULIMIA: UM ESTUDO EM AMBIENTES DIGITAIS

*The collective imaginary of women with diabetes about diabulimia:
a study in digital environments*

*El imaginario colectivo de mujeres con diabetes sobre la diabulimia:
un estudio en entornos digitales*

Ana Flavia Monteiro Lima¹
Rodrigo Sanches Peres²

Resumo: A diabulimia consiste na omissão ou na restrição da reposição exógena de insulina utilizada no tratamento da diabetes *mellitus* tipo 1 (DM1) e visa à perda de peso corporal. O presente estudo teve como objetivo investigar o imaginário coletivo sobre a diabulimia conforme postagens realizadas em ambientes digitais por mulheres com DM1. O *corpus* foi composto por 50 postagens e analisado interpretativamente em prol do delineamento de campos de sentido. Verificou-se, principalmente, que, para as internautas responsáveis pelas postagens, a diabulimia seria uma tentativa de equacionar conflitos suscitados pelo adoecimento, mas desencadearia sofrimento, nomeadamente associado ao sentimento de culpa. Esse e os demais resultados obtidos possuem implicações clínicas relevantes.

Palavras-chave: Diabulimia. Diabetes Mellitus Tipo 1. Cooperação e Adesão ao Tratamento. Mídias Sociais. Pesquisa Qualitativa.

Abstract: Diabulimia consists of the omission or restriction of exogenous insulin replacement therapy used in the treatment of type 1 diabetes mellitus (T1DM) and aims to achieve weight loss. This study aimed to investigate the collective imaginary about diabulimia, as seen in online posts by women with T1DM. The *corpus* was composed by 50 posts and was analyzed interpretatively to delineate fields of meaning. It was found, primarily, that for the internet users responsible for the posts, diabulimia was an attempt to resolve conflicts arising from the illness, but it triggered suffering, particularly associated with feelings of guilt. This and other results have relevant clinical implications.

¹ Mestre em Psicologia. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: ana.flv.monteiro@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0542147899044072>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-8452-4041>

² Doutor em Psicologia. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: rodrigossanchesperes@ufu.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9167312272004943>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2957-7554>

Keywords: Diabulimia. Diabetes Mellitus, Type 1. Treatment Adherence and Compliance. Social Media. Qualitative Research.

Resumen: Diabulimia consiste en la omisión o restricción de la terapia de reemplazo de insulina exógena utilizada en el tratamiento de la diabetes mellitus tipo 1 (DMT1) y tiene como objetivo lograr la pérdida de peso. Este estudio tuvo como objetivo investigar el imaginario colectivo en torno a la diabulimia, tal como se observa en las publicaciones en línea de mujeres con DMT1. El *corpus* fue compuesto por 50 publicaciones y se analizó interpretativamente para delimitar campos de significado. Se encontró, principalmente, que para las usuarias de internet responsables de las publicaciones, la diabulimia era un intento de resolver los conflictos derivados de la enfermedad, pero desencadenaba sufrimiento, particularmente asociado con sentimientos de culpa. Este y otros resultados tienen implicaciones clínicas relevantes.

Palabras clave: Diabulimia. Diabetes Mellitus Tipo 1. Cumplimiento y Adherencia al Tratamiento. Medios de Comunicación Sociales. Investigación Cualitativa.

Introdução

As Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs) são condições de saúde permanentes ou de longa duração, as quais demandam cuidados continuados e dispendiosos, limitam a produtividade e a funcionalidade das pessoas acometidas e ainda são responsáveis pela maioria das mortes em muitas nações de alta, média ou baixa condição socioeconômica (Goulart, 2011). A transição demográfica, a urbanização, a industrialização e o envelhecimento populacional proporcionaram contexto para a elevação das taxas de incidência de DCNTs ao longo do século XX, inclusive no Brasil (simões *et al.*, 2021). Porém, o cenário epidemiológico nacional ainda é marcado por uma expressiva incidência de doenças infecto-parasitárias, o que dificulta o enfrentamento das DCNTs, sobretudo no Sistema Único de Saúde (SUS) (Martins *et al.*, 2021).

A diabetes *mellitus*, em seus diferentes tipos, é uma das DCNTs mais frequentes, pois estima-se que, em 2024, mais de 16 milhões de brasileiros se encontravam acometidos, ao passo que, no mundo como um todo, seriam cerca de 589 milhões de pessoas (International Diabetes Federation, 2025). Logo, se sobressai como um importante problema de saúde pública nacional e global. A adesão ao tratamento é fundamental para viabilizar o controle da doença e minimizar complicações a curto ou longo prazo (Seixas; Moreira; Ferreira, 2016). Esse processo pode ser definido como o conjunto de comportamentos que uma pessoa apresenta conforme as orientações proporcionadas por um profissional de saúde (World Health Organization, 2003).

A adesão ao tratamento da diabetes *mellitus* tipo 1 (DM1) é particularmente desafiadora, pois envolve reposição exógena de insulina por toda a vida, substância essa que pode promover

ganho de peso devido ao seu efeito anabólico (Watanabe *et al.*, 2024). Além disso, a adesão ao tratamento de qualquer DCNT é influenciada por questões econômicas e culturais, bem como por fatores relacionados à própria doença, aos serviços e aos profissionais de saúde, aos pacientes ou às terapêuticas propostas (Greco-Soares; Dell’aglio, 2017). Os fatores relacionados aos pacientes são variados, mas se diferenciam por serem modificáveis mediante intervenções, desde que desenvolvidas com base em tecnologias relacionais (Pourhabibi *et al.*, 2022).

Um fenômeno que vem sendo chamado por diversos autores de “diabulimia” ilustra a complexidade inerente à adesão ao tratamento da DM1, sendo que consiste na omissão ou na restrição da reposição exógena de insulina – por parte de mulheres, predominantemente – com o intuito de provocar a perda de peso corporal (Altabas; Radošević; Grubišić, 2025). A prática em questão, porém, tem efeitos prejudiciais à saúde, incluindo complicações agudas e crônicas, assim como risco de morte (Winston, 2020). Sabe-se que crenças e emoções associadas à DM1 são fatores relacionados aos pacientes que impactam diretamente na adesão ao tratamento e, assim, podem estimular a diabulimia (Alvarado-Martel *et al.*, 2019).

Partindo desse princípio, o recurso ao conceito de imaginário coletivo, em sua acepção psicanalítica, tende a se revelar proveitoso em pesquisas sobre o assunto, pois alude ao complexo ideo-afetivo, intersubjetivo e fundamentalmente não consciente, que mescla crenças e emoções vigentes em um determinado grupo social frente a um certo fenômeno (Rosa *et al.*, 2019). Portanto, o imaginário coletivo é capaz de moldar diferentes manifestações humanas ao proporcionar-lhes substrato simbólico (Simões; Ferreira-Teixeira; Aiello-Vaisberg, 2014). Dito de outra maneira, o imaginário coletivo configura lugares existenciais nos quais as pessoas, como seres histórico-culturais, se situam, geralmente sem se darem conta (Manna; Leite; Aiello-Vaisberg, 2018). Diante do exposto, o presente estudo teve como objetivo investigar o imaginário coletivo sobre a diabulimia conforme postagens realizadas em ambientes digitais por mulheres com DM1.

O objetivo em pauta se justifica considerando-se que a predominância da diabulimia em mulheres pode ser encarada como um reflexo do controle social machista exercido à luz do sistema patriarcal. Hessel e Furtado (2019) fornecem elementos para essa constatação ao sublinhar que o corpo feminino magro habitualmente é associado à passividade e à submissão, características que seriam desejáveis para tal população de acordo com normas de gênero impostas pela perspectiva androcêntrica. Obviamente a supervalorização da magreza

característica da contemporaneidade também implica na desvalorização do corpo masculino obeso, mas é nítida a existência de um duplo padrão, em função do qual as mulheres são submetidas a um escrutínio corporal muito mais acentuado.

Goldenberg (2005) situa que foi entre o final do século XX e o início do século XXI que um modelo corporal e comportamental de feminilidade centrado na magreza se consolidou no Brasil, na contramão das conquistas de décadas anteriores, quando houve uma ampliação do lugar social da mulher no país. Mapear os múltiplos determinantes desse processo ultrapassa o escopo do presente estudo. Entretanto, cabe aqui salientar que um deles teria sido, conforme Vieira e Bosi (2013), a suposta indissociabilidade entre magreza e saúde operacionalizada e difundida por revistas de beleza feminina. Para as autoras, nessas publicações o discurso midiático e o discurso científico se entrelaçavam em um movimento que auxiliava a conformar uma maneira reducionista de ser mulher.

Método

O presente estudo se enquadra como uma pesquisa qualitativa e foi desenvolvido de acordo com os procedimentos metodológicos propostos por Schulte *et al.* (2016) para a exploração do imaginário coletivo com base em postagens realizadas em ambientes digitais. Tal opção levou em conta que a *internet* oferece uma imensa gama de possibilidades como cenário para a realização de pesquisas científicas, nomeadamente sobre fenômenos emergentes (Soares; Stengel, 2021). E a diabulimia pode ser assim tipificada. Ressalte-se ainda que ambientes digitais representam espaços privilegiados de interação e integração entre as pessoas na atualidade, de modo que efetivam a socialidade (Deslandes; Coutinho, 2020). Por extensão, tendem a proporcionar material de grande relevância para a investigação do imaginário coletivo, devido à sua natureza intersubjetiva.

Em consonância com o primeiro procedimento metodológico proposto por Schulte *et al.* (2016), procedeu-se a localização de postagens pertinentes ao presente estudo, o que envolveu consultas ao *site* de buscas *Google* e também a utilização das ferramentas de pesquisa das seguintes redes sociais: *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *Tumblr*. Adicionalmente, foram realizadas buscas em duas plataformas de compartilhamento audiovisual, a saber: *Spotify* e *Youtube*. Em todos os casos, utilizou-se o descritor “diabulimia”. As postagens localizadas foram salvas pelos pesquisadores, para prevenir uma eventual exclusão ou alteração. Afinal, ambientes virtuais se caracterizam pela efemeridade e pela volatilidade, de modo que os

conteúdos que veiculam podem ser deletados ou modificados rapidamente (Deslandes; Coutinho, 2020).

A seleção das postagens foi amparada em quatro critérios, pois foram incluídas no *corpus* do presente estudo aquelas: (1) veiculadas em língua portuguesa; (2) disponíveis em domínio público; (3) de autoria de internautas do sexo feminino que explicitamente se identificavam como portadoras de DM1 ou que se apresentavam de tal forma que puderam ser assim identificadas pelos pesquisadores e (4) que versavam sobre vivências relacionadas à diabulimia. Cumpre assinalar que não foram selecionadas postagens voltadas à promoção de produtos ou à divulgação de informações científicas. Afinal, postagens realizadas em primeira pessoa, com liberdade expressiva, são consideradas particularmente proveitosas para a exploração de questões humanas (Schulte *et al.*, 2016).

Já a análise do *corpus* do presente estudo foi dividida em duas etapas básicas, as quais, conforme Rosa *et al.* (2019), são as mais frequentes em pesquisas sobre o imaginário coletivo. A primeira etapa envolveu a realização de leituras exaustivas das transcrições literais e integrais das postagens e foi executada pelos pesquisadores em estado de atenção flutuante, ou seja, às expensas de uma atitude aberta e receptiva, sem direcionamentos *a priori*, que remete à postura de um psicanalista durante uma sessão frente aos conteúdos verbais ou não-verbais apresentados por seu paciente. As impressões inicialmente suscitadas pelo *corpus* foram, então, registradas pelos pesquisadores. E, ainda na primeira etapa, os pesquisadores buscaram identificar características emblemáticas das postagens, abarcando tanto o conteúdo manifesto quanto o conteúdo latente. Esse processo pode ser comparado à codificação típica da análise temática conforme preconizada por Braun e Clarke (2006).

Já na segunda etapa, os pesquisadores procuraram, interpretativamente, esclarecer as possíveis significações não conscientes do *corpus*. Para tanto, com base nas características mais emblemáticas das postagens, as agruparam considerando aquilo que determinados subconjuntos permitiam captar a propósito da questão de pesquisa. Na sequência, os pesquisadores delinearam campos de sentido, ou seja, universos psicológicos que balizam as relações estabelecidas pelo grupo social selecionado com o fenômeno de interesse (Manna; Leite; Aiello-Vaisberg, 2018). Os campos de sentido foram, por fim, nomeados, de maneira a salientar os aspectos considerados mais relevantes acerca de cada um deles. Diante do exposto, evidencia-se que o procedimento metodológico utilizado na análise de dados do presente estudo

admite uma sistematização apenas parcial, mas é congruente com a forma como se conceitua psicanaliticamente o imaginário coletivo.

Resultados

Os procedimentos metodológicos de localização e seleção empreendidos no presente estudo levaram à obtenção de um *corpus* com 50 postagens, de 38 perfis de usuários distintos, sendo 28 provenientes do *Instagram*, quatro do *Youtube*, três do *Twitter*, um do *Facebook*, um do *Tumblr* e um do *Spotify*. Já os procedimentos metodológicos de análise conduziram à demarcação de três campos de sentido. O primeiro foi denominado “Beleza *versus* saúde” e aponta que, no imaginário coletivo das internautas responsáveis pelas postagens, ocupa lugar central a sensação de que não seria possível aderir adequadamente ao tratamento da DM1 sem distanciar-se do padrão estético que seria hegemônico na atualidade em meio à supervalorização da magreza e, como consequência, sem experimentar exclusão social. A diabulimia, por extensão, seria uma tentativa de equacionar os conflitos vivenciados nesse universo psicológico, mas, ao mesmo tempo, desencadearia sofrimento, nomeadamente associado ao sentimento de culpa, como revelam os excertos a seguir.

Eu queria melhorar, mas toda vez que eu tentava retomar o tratamento [da DM1], eu chorava, eu ficava desesperada, porque eu queria me cuidar, mas eu não queria me sentir gorda, eu não queria me sentir diferente das outras pessoas (Internauta 5³)

Era tentador poder comer à vontade e estar sempre magra [às expensas da diabulimia], mas também assustador. Por infinitas vezes chorei ao deitar, com medo do futuro, desesperada com as consequências que chegariam se eu não mudasse de comportamento [...] Aquela que deveria ser a tarefa mais simples (cuidar de mim) parecia impossível [...] Nas épocas em que conseguia cuidar do diabetes, comia exageradamente e acabava engordando. Não demorava muito tempo para abandonar as doses de insulina (sem deixar de me alimentar exageradamente) para emagrecer (Internauta 11)

Eu queria ser aceita no meio dos adolescentes que tinham minha idade, queria ser bonita, queria que os garotos gostassem de mim, não queria ser a garota gorda com diabetes. Eu já me sentia estranha no meio dos outros porque era diabética, agora também me sentia mal porque era obesa [...] Até que cansei, chutei o balde [...] Meus

³ Como mencionado, as postagens incluídas no *corpus* do presente estudo se encontravam disponíveis em domínio público. Todavia, tomou-se o cuidado ético de não expor aqui o nome de usuário das internautas responsáveis pelas postagens, a fim de prevenir o eventual reconhecimento das respectivas identidades. Afinal, em consonância com Deslandes e Coutinho (2020), mesmo quando se trabalha com material disponível em domínio público, tal cuidado ético se impõe para evitar a exposição desnecessária de quem quer que seja. Igualmente é preciso esclarecer que, ainda acompanhando as referidas autoras, postagens realizadas em ambientes digitais podem ser rapidamente alteradas ou deletadas. Logo, compreendeu-se que não faria sentido divulgar aqui os *links* daquelas que compuseram o *corpus* do presente estudo.

pais não perceberam quando larguei o tratamento. Eu não queria fazer isso [diabulimia], mas eu queria ser normal [...] Queria não ser obesa [...] (Internauta 34)

O segundo campo de sentido foi intitulado “Segredo sem nome” e se ampara na impressão de que, no imaginário coletivo das internautas responsáveis pelas postagens, predomina a crença de que a diabulimia seria uma prática de foro íntimo, de modo que não deveria ser do conhecimento de outras pessoas em geral e, mais do que isso, supostamente não seria apresentada por outras portadoras de DM1. Logo, sequer faria jus a uma nomenclatura. Todavia, o segundo campo de sentido parece se organizar também em torno da negação dos riscos associados à diabulimia, considerando que o reconhecimento da existência de uma designação específica poderia conferir-lhe uma indesejável visibilidade. Os excertos a seguir ilustram esse conjunto de formulações.

Nunca ouvia falar que alguém com diabetes agia igual a mim [omitia a reposição exógena de insulina para não engordar]. Então eu imaginava ser a única pessoa do universo a passar pelo que eu passava [diabulimia] (Internauta 18)

Na adolescência eu fazia isso [omitia a reposição exógena de insulina] pra não engordar. Tive mau controle das glicemias e hoje tenho várias complicações por negligenciar minha saúde. Eu não sabia que diabulimia existia (Internauta 6)

Na verdade eu não queria entrar em contato, né, com essa coisa estranha [a diabulimia]. [...] Porque eu tinha um monstro pra brigar, mas eu não tinha nome pra esse monstro, isso que é um muito doido, assim. Eu não sabia com o que eu tava lidando, essa coisa que existia dentro de mim (Internauta 25)

O terceiro e último campo de sentido foi intitulado “Complicado” e deriva da observação de que, no imaginário coletivo de parte das internautas responsáveis pelas postagens, se sobressai a visão de que a diabulimia seria um fenômeno multifacetado, e devido a essa característica, não seria devidamente compreendido por pessoas saudáveis ou até mesmo por profissionais de saúde. Entretanto, a fim de viabilizar um duplo entendimento acerca desse campo de sentido, foi escolhido para o respectivo título uma palavra habitualmente utilizada em conversas informais por interlocutores pouco interessados no assunto em debate. Com isso, buscou-se salientar que, de diversas postagens, depreende-se a sensação de que a diabulimia tipicamente seria abordada com certa indiferença por quem não convive com a DM1, na esteira do que indicam os excertos a seguir.

Era tudo tão complicado [a diabulimia] e eu não tinha ninguém para conversar, para dizer como eu me sentia [...] Quem não tem diabetes não tem o direito de dizer como é ter [...] Pedi ajuda para minha médica, mas para ela isso [diabulimia] não existia, tudo era preguiça de fazer o tratamento (Internauta 29)

Busquei os mais diferentes médicos, mas nunca, quaisquer deles falaram especificamente sobre o que eu passava [diabulimia]. Limitavam-se a me dizer que eu deveria ter força de vontade [para prosseguir com o tratamento da DM1] e que se eu continuasse a fazer o que fazia, iria me arrepender (Internauta 2)

Profissionais [de saúde são] despreparados para atender esse tipo de transtorno... Tive diabulimia por muito tempo e não sei como não cheguei a ter uma cetoacidose diabética (graças à Deus)! Mas a diabulimia mesmo só foi constatada muito tempo depois, enquanto eu confundia “tratamento do diabetes” com “diminuir as doses de insulina e conseguir emagrecer” (Internauta 9)

Em síntese, os três campos de sentido captados propiciam a identificação de importantes nuances do imaginário coletivo sobre a diabulimia, na medida em que o *corpus* está impregnado por crenças e emoções exteriorizadas pelas internautas responsáveis pelas postagens. Faz-se necessário esclarecer que a acepção psicanalítica do conceito de imaginário coletivo, ao valorizar seu caráter intersubjetivo, sublinha o fato de que as postagens, em última instância, não podem ser reduzidas a posicionamentos pessoais, mas, sim, representam manifestações de um grupo social. Por esse motivo, concernem, de acordo com Barreto e Aiello-Vaisberg (2007), a uma personalidade coletiva, termo esse que, *per se*, constitui uma crítica à dissociação entre indivíduo e sociedade que ainda se observa na exploração de variadas questões humanas e implica na negligência de suas facetas históricas e culturais.

Discussão

Os resultados relativos ao primeiro campo de sentido são compatíveis, em seus aspectos centrais, com aqueles reportados por Ribeiro *et al.* (2018) em uma pesquisa cujo objetivo foi compreender a relação que mulheres com DM1 estabelecem com seu próprio corpo. A amostra dessa pesquisa foi composta por quatro pessoas do sexo feminino, com idade entre 18 e 30 anos, que autorreferiram diabulimia e, mediante divulgação em uma rede social digital, foram convidadas a falar a respeito. De acordo com as autoras, os dados obtidos indicam que as participantes como um todo se consideravam reféns de uma suposta imposição social da magreza, bem como experimentavam uma sensação de pertencimento apenas quando conseguiam atingir uma perda de peso corporal significativa, ainda que colocando em risco a própria saúde. Adicionalmente, algumas participantes sinalizaram que se sentiam culpadas por

praticarem a diabulimia, o que também é compatível com os resultados relativos ao primeiro campo de sentido.

Em face dessas questões, é preciso levar em conta que, no passado, o corpo magro costumava ser associado à fraqueza e à desnutrição, ao passo que, na atualidade é concebido como belo e também saudável (Santos *et al.*, 2019). Logo, há uma expectativa de que as pessoas, independentemente do biotipo corporal, da idade, da etnia ou de outros fatores, encarem a magreza como uma meta a ser atingida e/ou mantida custe o que custar. E, como mencionado anteriormente, às mulheres parece se direcionar uma cobrança mais acentuada quanto a isso, o que pode ser atribuído, ao menos em parte, à cultura machista e patriarcal que vigora em muitos países, inclusive no Brasil. Esse argumento é defendido por autoras como Hessel e Furtado (2019), para as quais tanto o saber médico quanto o senso comum tendem a uma patologização *a priori* do corpo obeso, nomeadamente se feminino.

O segundo campo de sentido lançou luz sobre o fato de que a maioria das internautas responsáveis pelas postagens parecia crer que a diabulimia não contaria com outras adeptas para além delas. Nesse ponto, os resultados do presente estudo também são similares àqueles obtidos por Ribeiro *et al.* (2018). Ocorre que as participantes dessa pesquisa consideravam que a possibilidade de provocar a perda de peso corporal a partir da omissão ou da restrição da reposição exógena de insulina sequer seria conhecida por outras pessoas, até mesmo por médicos. As autoras defenderam que esse entendimento aponta que, no Brasil, haveria necessidade de maior conscientização popular sobre os riscos associados aos diversos comportamentos compensatórios empreendidos em prol do emagrecimento, o que poderia ser revertido com base em iniciativas voltadas à divulgação de informações científicas sobre os transtornos alimentares.

Em contrapartida, não há, até o momento, um consenso acerca do *status* nosográfico da diabulimia. Alguns autores a enquadram como um transtorno alimentar, dentre os quais Apergi *et al.*, (2020), Coleman e Caswell (2020), Falcão e Francisco (2017) e Kinik *et al.* (2017). Mas a diabulimia não é reconhecida como um transtorno alimentar nas edições atuais – e tampouco era nas edições anteriores – do *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (American Psychiatric Association, 2022) e da *Classificação internacional de doenças* (World Health Organization, 2019). Essas publicações se afiguram como os sistemas de classificação de transtornos mentais mais amplamente utilizados a nível global. A propósito, deve-se esclarecer que, em ambas, transtornos alimentares como a bulimia nervosa e a anorexia nervosa

são tipificados como transtornos mentais, por serem condições associadas a graves alterações psicológicas.

O termo “diabulimia”, inclusive, pode sugerir a ocorrência simultânea de DM1 e bulimia nervosa em um mesmo indivíduo, acompanhando Yahya *et al.* (2020). Entretanto, a maioria dos autores compreende que a omissão ou a restrição da reposição exógena de insulina não é apresentada necessariamente apenas por pessoas que preenchem os critérios diagnósticos da bulimia nervosa. O medo mórbido de engordar se destaca como um traço psicopatológico central de tal transtorno alimentar e provoca o recurso habitual a comportamentos compensatórios inadequados – como vômitos autoinduzidos e utilização excessiva de laxantes ou diuréticos – para impedir o ganho de peso corporal, sobretudo após episódios de compulsão alimentar (Peres; Santos, 2011). Como a diabulimia não está associadas aos referidos comportamentos compensatórios, prevalece o entendimento de que aproximações em relação à bulimia nervosa se mostram problemáticas.

Em tempo, a crença de que a diabulimia seria uma prática de foro íntimo – a qual foi determinante para a delimitação do segundo campo de sentido, como já mencionado – possivelmente se ampara na indefinição acerca de seu *status* nosográfico. Adicionalmente, parece razoável cogitar que o fato de a diabulimia não ser qualificada “oficialmente” como um transtorno alimentar tende a dificultar o acesso a serviços de saúde que poderiam disponibilizar os devidos tratamentos. Tal hipótese encontra respaldo, ainda que indiretamente, nas formulações de Castiel e Diaz (2007), segundo as quais pessoas que apresentam comportamentos com efeitos prejudiciais à saúde – ou simplesmente negligenciam o autocuidado – frequentemente são estigmatizadas por profissionais de saúde cujo trabalho é desenvolvido sob a égide de concepções individualistas e moralistas amplamente difundidas em diversas esferas da vida contemporânea.

O terceiro campo de sentido, fundamentalmente, coloca em relevo que a incompreensão parece ser um sentimento vivenciado com frequência no âmbito da diabulimia. Não obstante, pessoas acometidas por outras DCNTs, para além da DM1, tendem a veicular queixas equivalentes em ambientes digitais, em consonância com a pesquisa de Silveira (2016). Adicionalmente, a autora constatou, por meio da análise de postagens em diversos *blogs*, que a internet poderia ser utilizada como um *locus* para a criação de sentidos sobre o adoecimento ao proporcionar uma reconfortante sensação de partilha. De forma semelhante, Groenevelt (2022) verificou que mulheres holandesas diagnosticadas com doenças contestadas – ou seja, cuja

legitimidade segue em debate pela comunidade médica – realizam postagens no *Youtube* e no *Instagram* em busca de reconhecimento social.

É preciso também mencionar que Staite *et al.* (2018), em uma pesquisa que se ocupou do exame de *blogs* escritos em língua inglesa por pessoas que se identificavam como portadoras de DM1 e autorreferiram diabulimia ou transtornos alimentares, reportaram resultados que, por um lado, se alinham àqueles obtidos no presente estudo a propósito do terceiro campo de sentido. Isso porque, nessa pesquisa, foi evidenciada a manutenção de um relacionamento problemático com a insulina, pois tal substância passou a ser associada pelas internautas à gordura. Por outro lado, nos *blogs* sobre os quais as autoras se debruçaram não foram veiculadas queixas explícitas sobre uma suposta incompreensão por parte dos profissionais de saúde, diferentemente do que foi encontrado nos ambientes digitais ora analisados.

Considerações finais

Os resultados obtidos no presente estudo possuem implicações clínicas, sobretudo porque revelam crenças e emoções concernentes à diabulimia que apenas podem ser contempladas por profissionais de saúde efetivamente comprometidos com o exercício do acolhimento como ação técnico-assistencial. Logo, evidencia-se a importância de iniciativas de capacitação voltadas ao desenvolvimento de tecnologias relacionais, as quais são focadas na interação humana e privilegiam a construção compartilhada de decisões. Conforme mencionado anteriormente, tecnologias relacionais são capazes de abarcar fatores relacionados aos pacientes que impactam na adesão ao tratamento de qualquer DCNT. Mais especificamente, a oferta de uma escuta empática parece ser o melhor caminho para estimular a formação de vínculos com mulheres com DM1.

Para encerrar, cumpre assinalar que o presente estudo possui limitações, sendo uma delas advinda do fato de que a produção científica a respeito da temática ainda é incipiente, o que restringe o alcance da discussão dos achados aqui reportados. A propósito, sugere-se o desenvolvimento de mais pesquisas sobre a diabulimia em ambientes digitais, as quais podem vir a subsidiar novos *insights* se pesquisador atuar como um *insider*, comunicando-se diretamente com as internautas. Nesse caso, porém, há necessidade de consentimento informado. Ademais, o pesquisador deverá estar atento ao manejo de dilemas éticos associados ao duplo papel que desempenhará, e também será imprescindível uma autoavaliação contínua a fim de minimizar possíveis vieses analíticos.

Referências

- ALTABAS, V.; RADOŠEVIĆ, J. M.; GRUBIJEŠIĆ, N. A review on diabulimia: exploring the intersection of disordered eating, eating disorders, insulin dose manipulation, and type 1 diabetes. **Current Diabetes Review**, Epub ahead of print. Disponível em: <https://doi.org/10.2174/0115733998347278250309180707>. Acesso em: 06 aug. 2025.
- ALVARADO-MARTEL, D.; FERNÁNDEZ M. A. R.; VIGARAY, M. C.; CARRILLO, A.; BORONAT, M.; MONTESDEOCA, A. E.; WÄGNER, A. M. Identification of psychological factors associated with adherence to self-care behaviors amongst patients with type 1 diabetes. **Journal of Diabetes Research**, 6271591, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1155/2019/6271591>. Acesso em: 06 aug. 2025.
- APERGI, K.; ROMANIDOU, M.; ABDELKHALEK, H.; TRIPSANIS, G.; GONIDAKIS, F. Reliability and validity of the Diabetes Eating Problem Survey in Greek adults with type 1 diabetes mellitus. **Psychiatriki**, v. 31, n. 4, p. 310-320, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22365/jpsych.2020.314.310>. Acesso em: 06 aug. 2025.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**: text revision. 5th ed. Washington: American Psychological Association, 2022.
- BARRETO, M. A.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Escolha profissional e dramática do viver adolescente. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 1, p. 107-114, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000100015>. Acesso em: 06 aug. 2025.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in Psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 06 aug. 2025.
- CASTIEL, L. D.; DIAZ, C. A. D. **A saúde persecutória**: os limites da responsabilidade. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007.
- COLEMAN, S. E.; CASWELL, N. Diabetes and eating disorders: an exploration of “diabulimia”. **BMC Psychology**, v. 8, n. 1, 101, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s40359-020-00468-4>. Acesso em: 06 aug. 2025.
- DESLANDES, S.; COUTINHO, T. Pesquisa social em ambientes digitais em tempos de Covid-19: notas teórico-metodológicas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 11, e00223120, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00223120>. Acesso em: 06 aug. 2025.
- FALCÃO, M. A.; FRANCISCO, R. Diabetes, eating disorders and body image in young adults: an exploratory study about “diabulimia”. **Eating and Weight Disorders**, v. 22, n. 4, p. 675-682, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40519-017-0406-9>. Acesso em: 06 aug. 2025.
- GOLDENBERG, M. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicologia Clínica**, v. 17, n. 2, p. 65-80, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652005000200006>. Acesso em: 06 aug. 2025.
- GOULART, F. A. A. **Doenças crônicas não transmissíveis**: estratégias de controle e desafios para os sistemas de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2011. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/4857.pdf>. Acesso em: 06 aug. 2025.

GRECO-SOARES, J. P.; DELL'AGLIO, D. D. Adesão ao tratamento em adolescentes com diabetes mellitus tipo 1. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 18, n. 2, p. 322-334, 2017.

Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/e8d7/8b3a99ffab17d39d0fb056d59c59c34a3c19.pdf> Acesso em: 06 aug. 2025.

GROENEVELT, I. "It's not all nice and fun": narrating contested illness on YouTube and Instagram. **Health**, v. 26, n. 5, p. 589-604, 2022. Disponível em:

<https://doi.org/10.1177/13634593211017187>. Acesso em: 06 aug. 2025.

HESSEL, B. R. C. C. B. A.; FURTADO, I. M. C. G. A influência do padrão de magreza para a mulher na contemporaneidade. **Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 8, n. 1, p. 75-85, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.v8i1.2098>. Acesso em: 06 aug. 2025.

INTERNATIONAL DIABETES FEDERATION. **IDF diabetes atlas**. 11th ed. 2025.

Disponível em: <https://www.diabetesatlas.org>. Acesso em: 06 aug. 2025.

KINIK, M. F.; GÖNÜLLÜ, F. V.; VATANSEVER, Z.; KARAKAYA, I. Diabulimia, a type 1 diabetes mellitus-specific eating disorder. **Turk Pediatri Arsivi**, v. 52, n. 1, p. 46-49, 2017.

Disponível em: <https://doi.org/10.5152/TurkPediatriArs.2017.2366>. Acesso em: 06 aug. 2025.

MANNA, R. E.; LEITE, J. C. A.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Imaginário coletivo de idosos participantes da Rede de Proteção e Defesa da Pessoa Idosa. **Saúde e Sociedade**, v. 27, n. 4, p. 987-996, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-1290201818088>.

Acesso em: 06 aug. 2025.

MARTINS, T. C. F.; SILVA, J. H. C. M.; MÁXIMO, G. C.; GUIMARÃES, R. M. Transição da morbimortalidade no Brasil: um desafio aos 30 anos de SUS. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 10, p. 4483-4496, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212610.10852021>. Acesso em: 06 aug. 2025.

PERES, R. S.; SANTOS, M. A. Técnicas projetivas na avaliação de aspectos psicopatológicos da anorexia e bulimia. **Psico-USF**, v. 16, n. 2, p. 185-192, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712011000200007>. Acesso em: 06 aug. 2025.

POURHABIBI, N.; MOHEBBI, B.; SADEGHI, R.; SHAKIBAZADEH, E.; SANJARI, M.; TOL, A.; YASERI, M. Determinants of poor treatment adherence among patients with type 2 diabetes and limited health literacy: a scoping review. **Journal of Diabetes Research**, 2980250, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1155/2022/2980250>. Acesso em: 06 aug. 2025.

RIBEIRO, L. B.; PIEPER, C. M.; FREDERICO, G. A.; GAMBA, M. A.; ROSA, A. S. A relação entre a mulher com diabetes e o seu corpo: o risco da diabulimia. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 25, n. 4, e20200270, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0270>. Acesso em: 06 aug. 2025.

ROSA, D. C. J.; LIMA, D. M.; PERES, R. S.; SANTOS, M. A. O conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica: uma revisão integrativa. **Psicologia Clínica**, v. 31, n. 3, p. 577-595, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n03A09>. Acesso em: 06 aug. 2025.

SANTOS, M. A.; OLIVEIRA, V. H.; PERES, R. S.; RISK, E. N.; LEONIDAS, C.; OLIVEIRA-CARDOSO, E. A. Corpo, saúde e sociedade de consumo: a construção social do

corpo saudável. **Saúde e Sociedade**, v. 28, n. 3, p. 239-252, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019170035>. Acesso em: 06 aug. 2025

SCHULTE, A. A.; GALLO-BELLUZZO, S. R.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Postagens em blogs pessoais: aproximação do acontecer humano em pesquisas psicanalíticas. **Psicologia Revista**, v. 25, n. 2, p. 227-241, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/30138/21350>. Acesso em: 06 aug. 2025.

SEIXAS, A. M. F. F.; MOREIRA, A. A.; FERREIRA, E. A. P. Adesão ao tratamento em crianças com diabetes tipo 1: insulinoterapia e apoio familiar. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, v. 19, n. 2, p. 62-80, 2016. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582016000200005. Acesso em: 06 aug. 2025.

SILVEIRA, B. R. **Dor compartilhada é dor diminuída**: autobiografia e formação identitária em blogs de pessoas em condição de doença. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/148573>. Acesso em: 08 ago. 2025.

SIMÕES, C. H. D.; FERREIRA-TEIXEIRA, M. C.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Imaginário coletivo de profissionais de saúde mental sobre o envelhecimento. **Boletim de Psicologia**, v. 64, n. 140, p. 65-77, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432014000100006. Acesso em: 06 aug. 2025.

SIMÕES, T. C.; MEIRA, K. C.; SANTOS, J.; CÂMARA, D. C. P. Prevalências de doenças crônicas e acesso aos serviços de saúde no Brasil: evidências de três inquéritos domiciliares. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 9, p. 3991-4006, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.02982021>. Acesso em: 06 aug. 2025.

SOARES, S. S. D.; STENGEL, M. Netnografia e a pesquisa científica na internet. **Psicologia USP**, v. 32, e20066, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200066>. Acesso em: 06 aug. 2025.

STAITE, E.; ZAREMBA, N.; MacDONALD, P.; ALLAN, J.; TREASURE, J.; ISMAIL, K.; STADLER, M. “Diabulima” through the lens of social media: a qualitative review and analysis of online blogs by people with type 1 diabetes mellitus and eating disorders. **Diabetic Medicine**, v. 35, n. 10, p. 1329-1336, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/dme.13700>. Acesso em: 06 aug. 2025.

VIEIRA, C. A. L.; BOSI, M. L. M. Corpos em confecção: considerações sobre os dispositivos científico e midiático em revistas de beleza feminina. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 23, n. 3, p. 843-861, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312013000300010>. Acesso em: 06 aug. 2025.

YAHYA, A. S.; KHAWAJA, S.; CHUKWUMA, J.; CHUKWUMA, C. Early diagnosis and management of bulimia nervosa in type 1 diabetes. **The Primary Care Companion for Central Nervous System Disorders**, v. 22, n. 6, 20nr02707, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4088/PCC.20nr02707>. Acesso em: 06 aug. 2025.

WATANABE, M.; REYNOLDS, E. L.; BANERJEE, M.; CHARLES, M.; MIZOKAMI-STOUT, K.; ALBRIGHT, D.; ANG, L.; LEE, J. M.; POP-BUSUI, R.; FELDMAN, E. L.;

CALLAGHAN, B. C. Bidirectional associations between mental health disorders and chronic diabetic complications in individuals with type 1 or type 2 diabetes. **Diabetes Care**, v. 47, n. 9, p. 1638-1646, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.2337/dc24-0818>. Acesso em: 06 aug. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Adherence to long-term therapies**: evidence for action. 2003. Disponível em: http://www.who.int/chp/knowledge/publications/adherence_full_report.pdf. Acesso em: 06 aug. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International classification of diseases**. 11th ed. 2019. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11/l-m/en>. Acesso em: 06 aug. 2025.

Recebido em: 30 de agosto de 2025

Aceito em: 13 de novembro de 2025
